

COMPOSIÇÃO DA MESA DOS TRABALHOS

Presidente da Mesa:

CARLO LOVATELLI
Presidente da Abag

Palestrantes:

WILLIAM WESTMAN
Conselheiro de Agricultura da Embaixada dos Estados Unidos no Brasil

SILVIO CRESTANA
Presidente da Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária – Embrapa

EMBAIXADOR MARCOS AZAMBUJA
Presidente da Fundação Casa França-Brasil

ROBERTO RODRIGUES
Ministro da Agricultura, Pecuária e Abastecimento



WILLIAM WESTMAN

Conselheiro de Agricultura da Embaixada dos EUA no Brasil

A apresentação poderia ser uma perspectiva pessoal, porque, com meus cinco anos de Brasil, tenho visto grandes mudanças.

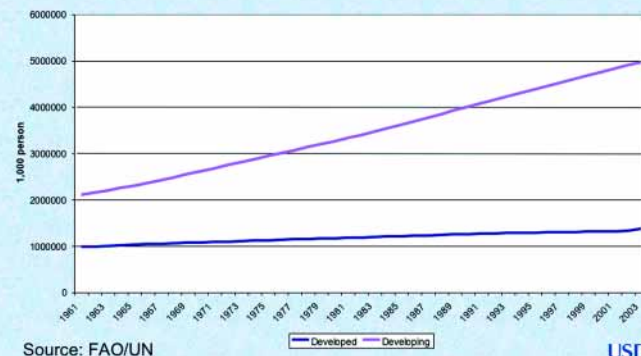
Sempre gosto de falar de parcerias. Essa é a situação entre Brasil e Estados Unidos. Vejo empresas americanas com investimentos no Brasil, como Bunge, ADM, Cargill, Monsanto, DuPont, Pioneer e Wal Mart. Há fazendeiros americanos com muito interesse no Brasil. Fizemos apresentações para 800 fazendeiros americanos com interesse em investir aqui. Gostaria de mencionar a parceria entre a Embrapa e o Departamento de Agricultura dos EUA, com intercâmbio de pesquisadores e programas para resolver os problemas de produtividade, escoamento de produtos, rentabilidade, fome, energia, em um sistema de sustentabilidade.

Temos fazendas com grandes extensões e de capital intensivo, onde se usam sementes híbridas de alta tecnologia, agricultura de precisão, irrigação tipo pivô central. Para atender às necessidades da população, precisamos da tecnologia de alta produtividade para produzir comida e alimentos para todos. Nos últimos 40 anos, o aumento de produção une os países em desenvolvimento. Usamos alta tecnologia e aumentamos a produtividade, melhoramos a qualidade das dietas e garantimos a segurança alimentar.

A utilização da terra nos Estados Unidos não mudou muito em 40 anos. Não há mais terra para usar e produzir. Utilizamos na agricultura 174 milhões de hectares: cerca de 19% da área total. O Brasil usa 44 milhões de hectares, 5% de sua área total, mas pode usar mais 177 milhões de hectares de pastagem. O futuro com mais potencial na produção agrícola está no Brasil. Temos fome na África, desnutrição em vários países, demandas por alimentos estagnados em mercados maduros, competição agressiva pelos exporta-

1

População, Países Desenvolvidos e em Desenvolvimento, 1961-2003

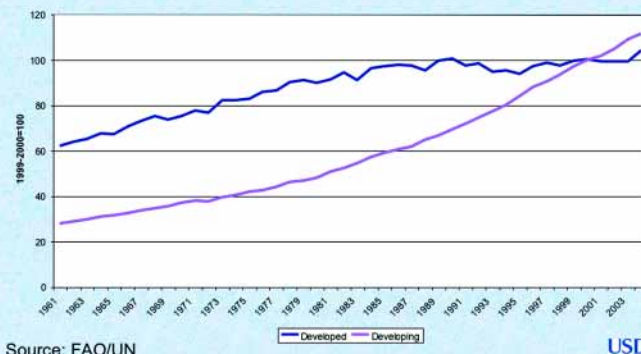


Source: FAO/UN



2

Índice de Produção Agrícola, 1960-2004



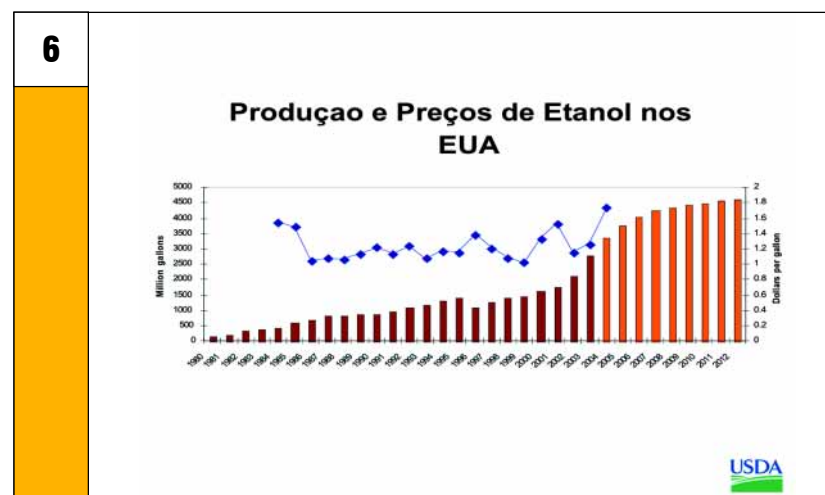
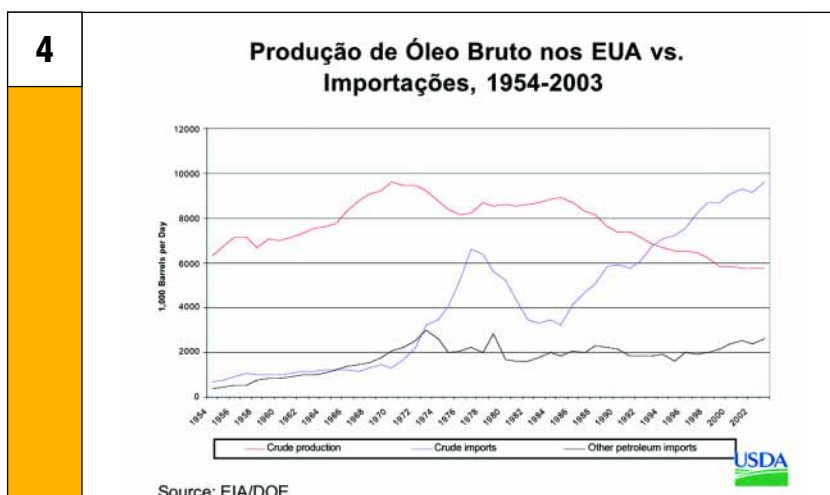
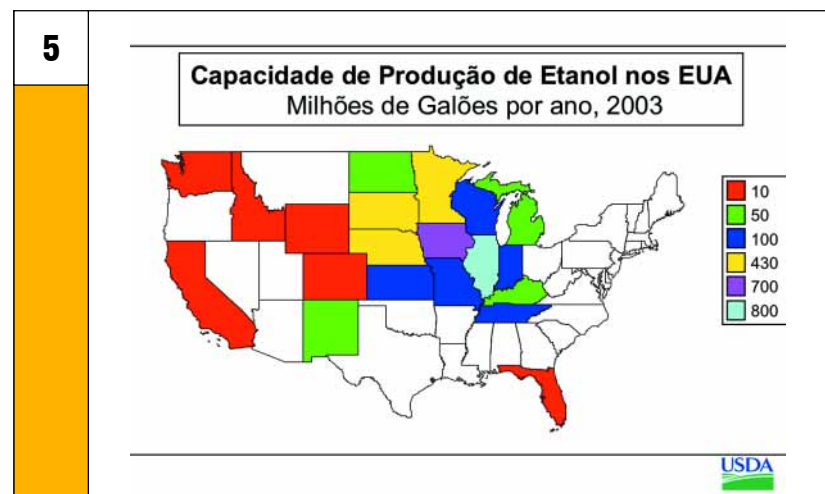
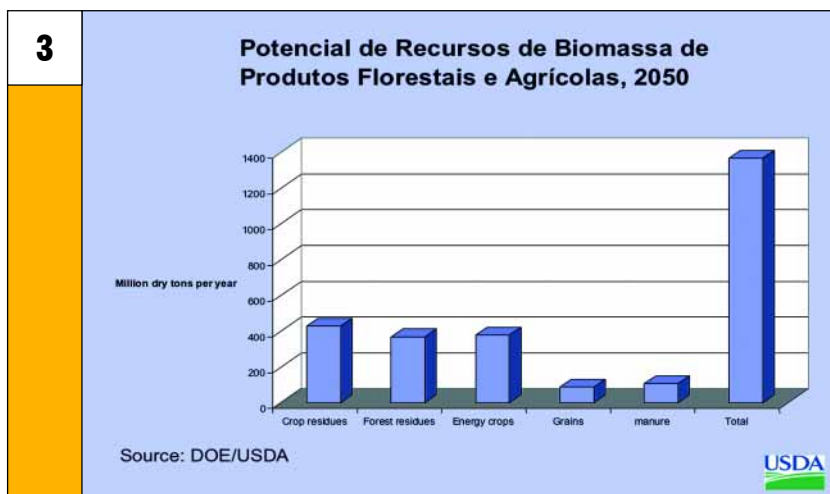
Source: FAO/UN



dores. O sucesso nas negociações comerciais afetará a produção. Os impactos do mercado da China, e do clima em geral, fazem parte dessa realidade.

A indústria agrícola pode gerar produtos de alto valor como matéria-prima para biomassa. Podemos ter pesquisas e estimar o potencial da biomassa. Precisamos ter a vontade política de apoiar os produtores, respeitando o meio ambiente e a segurança nacional. Temos que expandir parcerias públicas e privadas para aumentar o investimento em pesquisa e desenvolvimento. Criar incentivos, como a utilização obrigatória de produtos não alimentícios para complementar o consumo de energia. Nos EUA, a indústria de biocombustível tem de reduzir a dependência de óleo bruto importado. Lá, na indústria do etanol, há 84 usinas em operação e mais de 20 em construção, com uma capacidade de 3,9 bilhões de galões. Em 2004, produzimos 3,4 bilhões de galões de etanol, tendo como matéria-prima o milho. Há concentração da produção de etanol de milho, no meio-oeste, mas temos outras oportunidades no sul dos Estados Unidos, como a Louisiana e a Flórida.

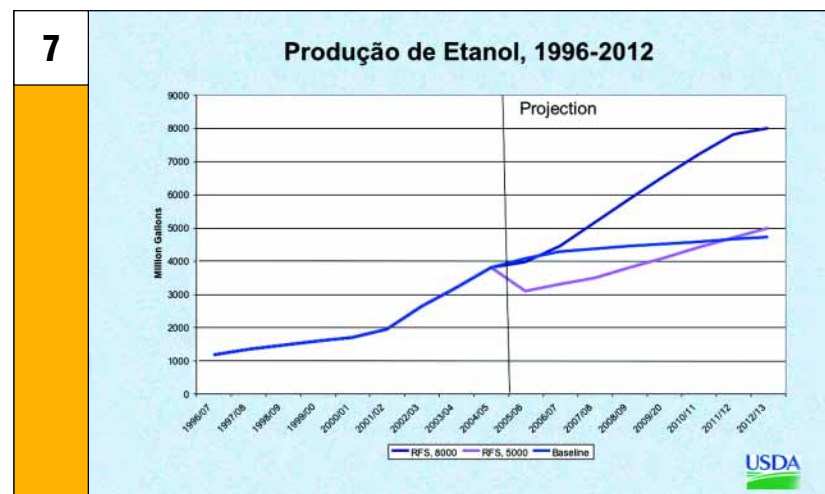
Temos dois cenários, um para produzir 5 milhões de galões de etanol em 2012. O outro, com base na lei de energia americana, para chegar a 8 milhões de galões em 2012. Na



indústria de biodiesel, em 2004, usamos somente 22% da nossa capacidade. Mais de 90% desse biodiesel é feito de óleo de soja, restos de gordura animal e descarte de óleos utilizados em restaurantes. O biodiesel favorece a criação de oportunidades de emprego e o aumento da renda agrícola, a redução de despesas do governo e do déficit comercial, além da menor dependência da ordem externa.

Sobre a sustentabilidade, temos um programa chamado *Sustainable Agriculture Research Education* – Educação em Pesquisa de Agricultura Sustentável. Temos o site na internet com conhecimentos sobre *brazilian agricultural*, além de práticas lucrativas adequadas com o meio ambiente e à comunidade.

O setor agrícola fornece alimentos e matéria-prima para produtos não alimentícios. Novas tecnologias convertem o excesso de *commodities* em matéria-prima de biomassa, em biocombustíveis e outros produtos. Aumento nos investimentos público e privado em pesquisa e desenvolvimento avança na utilização de *commodities* agrícolas para a produção de produtos não alimentícios. Com trabalho em parcerias declaradas teremos sucesso na oferta de alimentos e energia para um mundo melhor. Muito obrigado.





SILVIO CRESTANA

Presidente da Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária – Embrapa

Esse é um momento de grande satisfação porque acompanho todos os congressos da Abag. Faço parte daquela locomotiva que o Ministro Roberto Rodrigues mencionou. Com muita visão, a Abag se preparou para esse momento em que vivemos hoje no país. Vemos o agronegócio crescer de forma maravilhosa e fantástica. Nos congressos desta entidade, os problemas nacionais e internacionais são bem colocados e equacionados de forma rigorosa. Essa clarividência com que a Abag se manifesta e exerce serve como alavanca ao desenvolvimento do agronegócio.

O primeiro problema é a questão da pesquisa e do crescimento. Pensamos que só temos conflitos na miséria e na dificuldade. Mas há conflitos também no crescimento. É muito melhor ter conflitos de crescimento em relação à pobreza e à miséria.

Gostaria de lembrar uma palestra do professor da Universidade da Pensilvânia, professor Ian MacDiarmid (Prêmio Nobel de Química do ano 2000), que esteve em abril, em São Carlos, quando lançamos o Instituto de Inovação e Negócio, com o nome dele. Os temas energia, alimentos e meio ambiente estão na lista dos 10 maiores problemas enfrentados pela humanidade. Em 2003, tínhamos 6 bilhões de pessoas. A previsão em 2050 é de 10 bilhões. Quando há uma pessoa muito próxima há dificuldades para resolver. Energia, Água, Alimentos, Meio Ambiente, Pobreza, Educação, Democracia, População, Doença, Terrorismo e Guerra não são problemas do Brasil e sim, do mundo.

Levantaremos dois conflitos da conjuntura brasileira. Primeiro é o espacial. O segundo é o ambiental. Os aumentos da produtividade agrícola e disponibilidade de terras têm atendido a produção de energia e de alimentos. Isso não é um problema para o Brasil.

Junto com as curvas de crescimento de grãos, carne e açúcar poderíamos ter outras. Todas crescem de forma positiva. Nesses últimos anos, a taxa de crescimento na área animal registrou expansão de 10%. A área de produção cresceu acima da área plantada. A área de pastagem diminuiu no Brasil e de forma importante. Temos animais com 18 meses tirados para desfrute. A área de grãos cresce muito pouco, de forma não significativa comparada com a produção. A cana não tem um crescimento importante, em termos de área, em função da produção.

Outro conflito espacial, agora pensando nas providências. Alimentos precisam da evolução da atual plataforma tecnológica, com ajustes tópicos da política agrícola. Pensar como se relacionam e como o consumidor distingue a rastreabilidade, certificação, rotulagem, segurança alimentar, nutrição e saúde.

Há grandes ajustes na política agrícola. É preciso ter um programa nacional de agroenergia. O programa de biodiesel é muito diferente de agroenergia, voltado à distribuição e comercialização. Esquecemos como foi feito também com o Pró-álcool, de que para ter álcool precisa produzir cana. Ter sementes e oleaginosas para transformar biomassa e gerar energia. Esta parte está desguarnecida.

Trabalhamos para montar um Consórcio Nacional de Agroenergia. Criar um Fundo Nacional da ordem de US\$ 20 milhões para dar a alavancada necessária. A Embrapa,

para trabalhar com o tema de forma organizada e institucional, precisa fazer isso através de uma unidade chamada de Embrapa Agroenergia.

Na plataforma tecnológica em Agroenergia, temos as fontes de energia e os desafios tecnológicos. Primeiro, a fóssil. Não há dúvida de que vai acabar. A pergunta é: quando? Segundo, no que diz respeito ao hidrogênio, há grandes problemas tecnológicos, principalmente na armazenagem, durabilidade pequena e transporte de energia. Terceira, solar, em que há baixa eficiência na conversão. Quarto, biomassa, é a questão da matéria-prima para produção. O problema da nuclear eu nem coloquei aqui, devido aos riscos e à repulsa da população.

Quando observamos essas possibilidades, lembramos de uma nova matriz energética em 15 anos. As dificuldades estarão resolvidas pela ciência e a tecnologia. É esse o intervalo temporal para trabalhar e transformar a biomassa em energia, que é a agroenergia. Temos de ocupar esse espaço porque outras tecnologias virão.

Outra plataforma tecnológica para trabalhar é a cana, com eficiência produtiva no sul e sudeste, mas não ainda para o nordeste, centro-oeste e norte. A soja se viabilizou, foi para o centro-oeste, norte e nordeste. Quando teremos alternativas para mamona, dendê e babaçu?

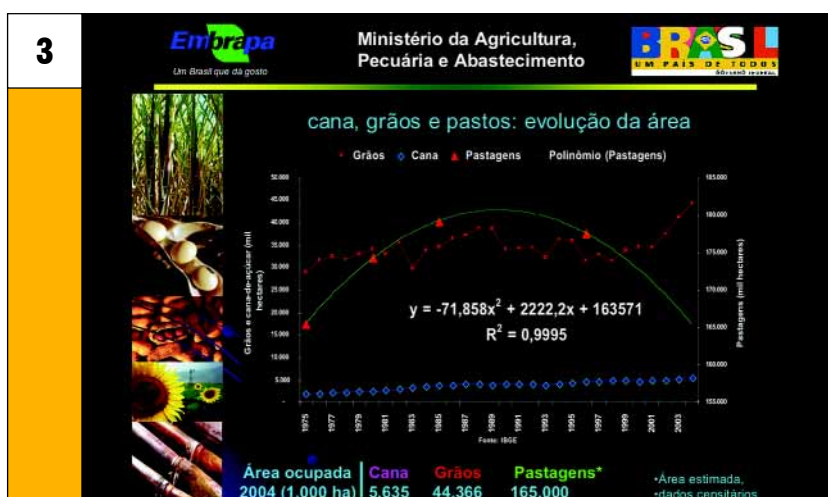
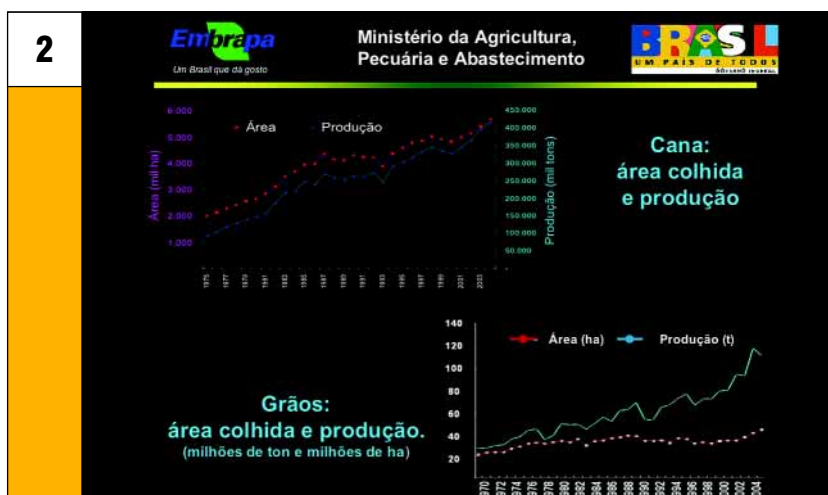
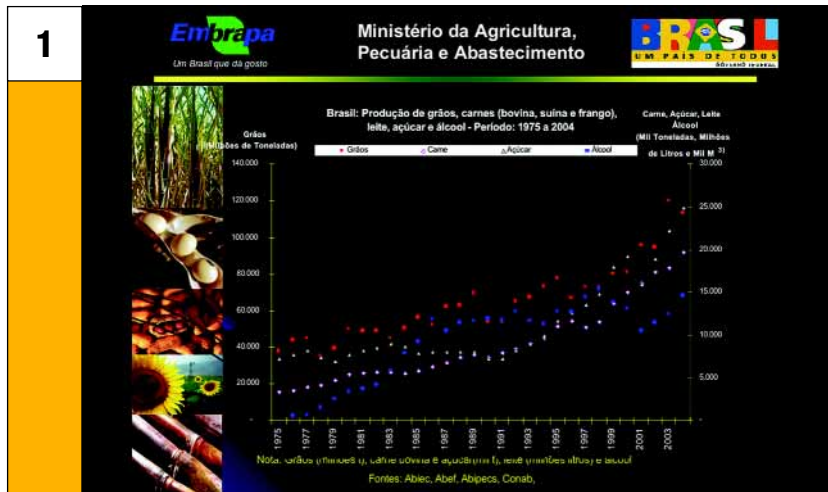
A cana tem uma conversão de 1 para 4: cada joule gasto gera 4 joules, no primeiro momento de transformação. Esse é o primeiro princípio da termodinâmica. No segundo, pode ser de 2 para 40, quando se faz hidrólise.

É muito difícil superar a cana. A fotossíntese ajuda e a cultura é de ciclo longo. Os países de clima temperado são muito bons em cultura de ciclo curto, de um ano ou menos, porque possuem inverno e têm outras condições.

Temos uma situação privilegiada porque, com a cana já enraizada no segundo, terceiro, quarto ou quinto ano há grandes vantagens para trabalhar. Nas culturas de mamona, dendê, babaçu, e outras, precisamos do balanço energético da conversão. Quanto eu gasto de energia para produzir outro tanto de energia? Temos um número muito pequeno de cultiváveis, é meia dúzia ou menos. Não aprendemos a plantar em grande quantidade. Como ficarão as extensas plantações de mamona, dendê e babaçu? E o risco de doença e praga? Quais são os cultiváveis mais produtivos? Quais as pesquisas e resultados que temos?

O que fazer com o resíduo industrial? Ao pesquisar a mamona, sabemos que ela gera como subproduto, pós-conversão, a ricina e o glicerol. O glicerol tem mercado. O que fazer com a ricina, altamente tóxica, a ponto de ser proibida em vários países porque pode ser objeto até de terrorismo, ao cair, por exemplo, na caixa d'água de uma cidade.

Há outro problema: o isolamento científico. A pesquisa com mamona, dendê, babaçu é feita por poucos países, diferente da soja e outras *commodities*. Quando aparece a ferrugem, não é um problema só do Brasil, é dos Estados Unidos, da Ásia e de outros países. Ao invés de a gente pensar em transportar a energia líquida, se conseguíssemos a energia sólida viraríamos a mesa completamente, porque ela seria mais compacta e poderia ser transportada facilmente.



O gás de cozinha, do propano, metano, etc, foi popularizado porque conseguiu se transformar em milhares de metros cúbicos em alguns poucos metros cúbicos num bujão de gás, transformar gás em líquido.

Outro conflito é o ambiental. A expansão da agricultura coloca em risco a sustentabilidade ambiental. Evidências existem: o aumento de produtividade tem reduzido a pressão para expandir a fronteira cultivada. Se não fosse assim, a floresta amazônica já teria acabado há muito tempo, para chegarmos à produção de hoje. A competitividade do agronegócio brasileiro está baseada em produtividade e tecnologia, gestão competente dos agricultores e também renda. A busca da produtividade e competitividade cria tecnologias de defesa ambiental. Há espaço para ampliar o esforço de ciência, tecnologia e inovação com um ajuste nas políticas setoriais da agricultura, em favor da sustentabilidade.

Na questão da redução da sustentabilidade, os indicadores são: queimadas, desmatamentos e áreas degradadas. Na conta entra o desmatamento legal e o ilegal, a agricultura tecnificada e a não tecnificada. Há muitas áreas hoje utilizadas para lazer, o chamado novo rural, que não são necessariamente agrícolas, mas que competem também como espaço rural.

Em termos de negócios, as dimensões econômica, ambiental e social são claras. Vamos tomar o exemplo da cana. Como era antes e quando começou? Era positiva do ponto de vista econômico e social, mas negativa na ótica ambiental. A queima da palha, o vinhoto poluente e o emprego de bóias-frias, se é que empregar bóias-frias é um componente positivo socialmente, como muita gente considera. Agora ela é, sem dúvida, positiva do ponto de vista econômico; é ambiental, mas é pouco do ponto de vista social.

Aconteceu a mecanização, o vinhoto virou adubo, o bagaço virou energia e contribuimos para o seqüestro de carbono. A questão social foi absorvida na cadeia produtiva, porque gerou outras frentes de trabalho, por sinal, até muito mais qualificadas do que a do bóia-fria da cana.

Tecnologias amigáveis têm consequência ambiental clara. Com as novas cultiváveis, de maior eficiência, foram melhorados os manejos, mapas de solos, zoneamento agroecológico, plantio direto, corte e trituração da capoeira, controle biológico integrado de pragas e doenças; a integração pecuária lavoura-floresta, outra forma mais sofisticada; sistemas agrosilvopastoris; o monitoramento orbital de queimadas; a ação antrópica que pode ser monitorada dessa forma; a fixação biológica de nutrientes; a revegetação de áreas, principalmente degradadas; o manejo florestal e o sistema de gestão territorial.

Essas são algumas tecnologias que saíram da agricultura brasileira para o mundo, como plantio direto, controle biológico, etc. Temos, como exemplo, um sistema de gestão territorial em execução, junto com a ABAG, na região de Ribeirão Preto. O modelo pode ser levado a outras partes do Estado e do País. São 86 municípios, numa área de 36 mil quilômetros quadrados. O mapeamento do uso e a cobertura das terras, de 1988 a 2003, gera indicadores agro-sócio-econômicos, tem sistema de informações geográficas e avalia os impactos ambientais do uso das terras e a simulação de cenários para políticas públicas. A tecnologia é viável e possível de ser feita.

A Amazônia é um foco, hoje, nacional e internacional. Quando olhamos o mapa com os centros da Embrapa, centros do Instituto Nacional de Meteorologia (Inmet), da Comissão Executiva do Plano da Lavoura Cacaueira (Ceplac), da Companhia Nacional de Abastecimento (Conab) e da Defesa Animal, Vegetal e Sanitária, do Ministério da Agricultura, descobrimos que a maior rede de sustentabilidade existente na Amazônia pertence ao Mapa. Portanto, é importante ver que geração, transferência de tecnologia, suporte à sustentabilidade, manejo e gestão, quem está fazendo isso é o Mapa. Isso, muitas vezes, está enfraquecido porque não há uma rede estadual de pesquisa agrícola. Tem outras redes, como a das universidades, das ONG's, da região Norte, mas há uma preocupação maior com o diagnóstico e o prognóstico, mas não com o manejo.

Quem está trabalhando com manejo, desenvolvendo técnicas, formas de convivência da agricultura com a floresta, solo, clima, etc, é a agricultura.

A política agrícola se preocupa mais com o manejo e com a produtividade e a competitividade, sem um componente ambiental claro, por exemplo, de estímulo e de incentivo. Já a política ambiental preocupa-se com a preservação, controle e uso limitado. Mas como limitar, preservar, segurar e restringir?

Com a política industrial, a tecnologia e a produção industrial têm seus impactos. A preocupação é bem limitada, é mais para produzir, e pensando, por exemplo, na energia. A política de ciência e tecnologia é mais um avanço do conhecimento no diagnóstico.

Quais seriam as providências para uni-las? Primeiro, ajustes nas políticas setoriais. Na agrícola, os incentivos na conservação ambiental são uma forma de estimular a conservação ambiental na política agrícola. Na área ambiental fica claro que são necessárias mais ciência e tecnologia. São importantes pesquisas com soluções ambientais. Na ciência, tecnologia e área industrial, dar mais apoio à ciência e tecnologia e inovação para o agro-ambiental. Na verdade, a agricultura fica muito na agricultura, a pesquisa, as técnicas, as soluções, são problemas só da agricultura, e não pode ser, deveria ser também de outros ministérios.

É importante que o Ministério de Ciência e Tecnologia considere a agricultura como inovação, que precisa ser incentivada. Aqui, há uma clara convergência e complementaridade entre políticas setoriais e seus fundos. É necessário que isso aconteça. Porém essas questões não podem ser resolvidas só por um Ministério, e nem cabe tudo a ele.

Na verdade, o Ministério da Agricultura é o que mais tem feito na área da conservação ambiental. Há necessidade de revitalizar o Sistema Nacional de Pesquisa Agropecuária, porque, do contrário, falharemos nos estados e nos municípios. A rede de pesquisa precisa acontecer de forma harmônica.

O setor privado tem um papel muito importante nos próximos passos que a agricultura precisa dar. Pesquisa desenvolvida pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), num universo maior que mil empresas no Brasil, chegou a conclusão de que os que investem em pesquisa têm maior produtividade. A produtividade média das empresas inovadoras está próxima de 70. Esse é o valor da transformação industrial para o trabalhador. Naquelas que não são inovadoras, a margem é 25.

4  Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento 

Sustentabilidade / Evidências

Sistema de Gestão Territorial



- Mapeamento do uso e cobertura das terras (1988 e 2003)
- Geração de indicadores agro-socio-econômicos
- Sistema de informações geográficas, operacional
- Resultados obtidos
 - Avaliação os impactos ambientais do uso das terras
 - Simulação de Cenários para Políticas Públicas

ABAG da Região de Ribeirão Preto
86 Municípios - Área Total: 36.724 km²
site: www.abagr.p.cnpm.embrapa.br

5  Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento 

Sustentabilidade / Evidências

Foco das instituições

Rede do MAPA



Mais soluções de manejo
(Leia-se, geração e transferência de tecnologias de suporte à sustentabilidade)

Enfraquecida, sem pesquisa agrícola estadual

Outras redes
(Universidades, ONG's, Institutos, etc)

Mais diagnósticos e prognósticos

6  Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento 

Inovação

Quem investe em pesquisa tem maior produtividade

Produtividade média das empresas inovadoras	68,68
Produtividade média das empresas não inovadoras	25,30
Produtividade média das empresas inovadoras e que investem em P&D interno	86,30
Produtividade média das empresas inovadoras e que não investem em P&D interno	39,40

Valor da transformação industrial por trabalhador (em R\$ 1 mil - Fonte: IBGE - Pintec)

Quem investe em pesquisa é mais rico (IPEA / 2005)

- ✓ Fatura 100 vezes mais
- ✓ Paga salários três vezes maiores
- ✓ Exporta a preços 30% maiores

A produtividade daquelas empresas inovadoras e que investem em pesquisa e desenvolvimento interno é de 86. Entre aquela que inova e tem departamento de pesquisa e aquela que não inova de nenhuma forma, a relação é brutal. Isso, em termos de mercado, inviabiliza aquelas que não fazem inovação. Aquelas que fazem somente inovação, mas não têm um departamento de pesquisa internamente, está em torno de 40, menos da metade daquelas que têm Pesquisa & Desenvolvimento (P&D) interno.

Quem investe em pesquisa é mais rico – esse é um dado do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA), desse ano –, fatura 100 vezes mais, paga salários três vezes mais elevados e exporta a preços 30% maiores. Portanto, isso é algo importante a considerar, e aí é um setor produtivo investindo em inovação, em pesquisa, em desenvolvimento.

Finalmente, quais seriam as providências a tomar? A primeira, do ponto de vista do setor privado, seria as empresas se tornarem inovadoras. A questão das Parcerias Público-Privadas, assim como a lei de inovação tecnológica, ainda não regulamentada. É fundamental que isso aconteça, em prol da pesquisa e produção. Os países desenvolvidos concorrem conosco e fazem inversão de capital de recursos em inovação, da ordem de 2%, 2,5% até 3% do PIB. Investimos menos que 1% do PIB em ciência e tecnologia no Brasil. A elasticidade do Governo e do Estado em ampliar esses investimentos é pequena, pode chegar a 2%, talvez em 1,5% do PIB no máximo. A diferença de 1%, 1,5% para chegar a 2%, 2,5% e 3%, tem que vir do setor privado. É o que os países desenvolvidos fazem. Precisamos arrumar fórmulas, fazer Parcerias Público-Privadas em inovação e juntar as duas coisas. Muito obrigado.



EMBAIXADOR MARCOS AZAMBUJA
Presidente da Fundação Casa França-Brasil

Escolhi como tema a crise na Europa, com a referência precisa para os interesses do agribusiness brasileiro. Uma coisa me parece nova, que não há mais separação entre política externa e política interna. Antes, havia categorias: externo era o que acontecia lá, interno era o que acontecia aqui. Entre os dois mundos havia tênues ligações. Agora não, o reflexo é imediato e direto.

A Europa está em crise. Eu não vim fazer o obituário do velho continente, que não está acabando. Há mais de um século, um grande personagem leu, num jornal americano, a notícia da sua morte. Ele escreveu uma carta para a redação sem desmentir a notícia da morte dele, mas disse apenas que a notícia era exagerada. A notícia do fim da Europa é exagerada, apesar de estar gravemente atingida.

A União Européia nasceu do horror da primeira e da segunda guerras mundiais, com o sentimento de não suportar uma terceira guerra possível. Nasceu do entendimento Alemanha-França, dois antigos adversários históricos e de uma idéia muito simples. Nesse casamento de interesses, enquanto a Alemanha tinha vantagens industriais decisivas, na França eram agrícolas. Um entendimento implícito de que na Europa que vai nascer a Alemanha terá um pouco a liderança industrial e a França terá a liderança agrícola. Isso significa que o protecionismo agrícola europeu é pecado original: nasce no berço. Começa quando a França reclama para si esse privilégio. Tudo que vai acontecer depois são desdobramentos.

Era uma Europa simples, de dois adversários feitos amigos. Passava por uma coisa muito simples, que era aquela comunidade do carvão e do aço para a Europa dos 6, oriunda do Tratado de Roma. Também é um jogo muito simples, entre países muito próximos e aliados. Depois, vai crescendo, numa velocidade que gera um metabolismo muito difícil de administração, de 6 a 9, de 12 a 16, e agora a 25, mantendo-se sempre em Bruxelas seu centro operacional e administrativo. Fica uma babel de costumes, línguas e tradições. A Europa segue sempre, de certa maneira, uma grande impossibilidade jurídico-administrativa. Para dar um exemplo, agora que são 25, cada um dos países têm eleição, que não são nem simultâneas, nem simétricas. Sempre 2 ou 3 elegem novas pessoas. É como se no Brasil, em vez das nossas eleições nacionais, estaduais, simultâneas, cada Estado tivesse uma eleição num certo mês, num certo ano, numa certa época. Viveríamos num tumulto permanente administrativo-político.

A Europa vive agora, sobretudo, com 25 países. Essa situação e a lei – imaginem uma União Federativa com 12 ou 14 idiomas oficiais – são dificuldades superpostas. Então, há dificuldades administrativas, políticas e econômicas crescentes. Há dificuldades para se adaptar à globalização. A Europa é uma construção, um edifício, do tempo em que era possível pensar que o mundo se faria pela aglutinação de blocos regionais, quando a globalização desfez muito isso.

A segunda é o conflito entre a Velha Europa e a Nova Europa. A Velha Europa é aquela dos países fundadores da União Européia: França, Itália, Alemanha e pouco mais tarde a Inglaterra. E a Nova, são todos esses países da antiga cortina de ferro, da Europa central e oriental, sem comprometermos com a Velha Europa, mas muito mais aliada dos Estados Unidos, com o desejo de que a Europa seja, não o que foi até agora, mas sim uma parte integrante de um jogo de globalização.

Hoje, há um grande conflito com dois expoentes muito claros. De um lado, Peter Mandelson, comissário europeu do comércio, que representa o espírito anglo-saxônico, modernizador, com a idéia de que a Europa deve se norte-americanizar um pouco em modelos de comportamento empresarial. E Pascal Lamy, diretor da OMC, uma expressão da Velha Europa, do espírito francês, com a idéia de fidelidade a uma certa maneira estadista de fazer as coisas, conforme sua formação cultural.

Então, há na Europa uma guerra entre o espírito francês e o anglo-saxão, que a Inglaterra exprime. Essas intrigas entre Blair e Chirac ilustram duas maneiras diferentes de ver o mundo. Essa Europa hoje, um emaranhado de interesses burocráticos, tem ainda um adicional, o próximo candidato a país membro, a Turquia, que leva uma abertura para o mundo muçulmano, islâmico. Isso levaria o jogo a uma imensa complexidade.

Quais são os sintomas da Europa que não soube, talvez, se adequar inteiramente aos desafios da globalização? Desemprego alto, baixo crescimento da economia e hipertrofia regulatória. Quando, no Brasil, nos queixamos do nosso emaranhado burocrático, não temos idéia da burocracia internacional praticada por muitos atores não coordenados, determinando regras entre si. Nosso jogo passa a ser de uma simplicidade encantadora, de modo que é uma situação infinitamente mais complexa, sem que eles tenham os instrumentos que temos de atuação sobre Brasília, nossos funcionários, eleitos e devedores de fidelidade.

Uma outra coisa que surgiu, gravíssima, foi a Constituição Européia prematura, com referendos em momentos de mal humor, quando há muito desemprego e pouco crescimento. Isso leva a uma rejeição, como aconteceu na França e na Holanda, de modo a outros não levarem avante seus referendos. O Brasil teve várias constituições, mas pelo menos deu a elas alguns anos de vida. Essa nasce morta, é a primeira Constituição que não precisou ser

derrubada, não entrou em vigor, porque não corresponde ao espírito dos tempos. Uma imposição burocrática de um serviço público internacional em Bruxelas, que quis determinar a um grande conjunto de nacionalidades como elas deviam se regular.

Outro problema muito sério na Europa é sua diminuição demográfica. Há 30 anos, a população correspondia a 15% do mundo. Hoje, são 8%, devido à imigração, pois, caso contrário, o componente demográfico europeu seria hoje ainda mais relevante. Portanto, estamos na situação de reexaminar nossas opções. Essa crise européia abre oportunidades importantes de chegar, pela primeira vez, a reformas que repensem os mecanismos de subsídio agrícola. Não houve uma mudança de coração. Acontece que é apenas impossível, com 25 membros, manter as taxas e as tarifas de protecionismo.

Portanto, há um movimento induzido pela própria impossibilidade de sustentar o que havia antes e, sobretudo, porque dois novos países agrícolas entraram na Europa, a Hungria e a Polônia. A Europa se move, imperceptivelmente na questão de acesso a mercado, de nosso interesse. Há uma transferência de recursos dos subsídios, apenas a proteção de preços, para uma idéia de desenvolvimento rural. Isso é um progresso que, de fato, representa uma oportunidade.

Durante anos, o pecado brasileiro maior era o da retórica inócua, como se os discursos satisfizessem em si, fossem uma solução para fazermos apelos, clamarmos por justiça e reclamarmos da desigualdade. O efeito, realmente, tem sido pequeno. A retórica tem um resíduo de utilidade e permite que se faça, em certos fóruns, discursos mais ou menos sonoros, mais ou menos adicionantes, mas não é um instrumento eficaz de mudança da realidade. A mudança de realidade se dá através de uma negociação corpo a corpo, olho no olho, com os atores. E o Brasil, agora, começa a aprender que mais do que se queixar, deve influenciar os processos. Ganhar no campo do adversário com as regras do jogo estabelecidas.

Não há um automatismo determinando que seremos sempre derrotados, porque há uma conspiração internacional. Ao fazer bem o dever de casa, com mobilização maior da sociedade no sentido de romper a dependência excessiva do governo. É preciso uma combinação de trabalho entre diplomatas e advogados, lobistas, especialistas em questões agrícolas e tarifárias. O Brasil vai funcionar se for um time muito complexo de interesses. O governo tem um papel importante, mas não pode ser o autor solitário de soluções. Estamos aprendendo as regras do jogo.

Acho que o Brasil deve se aproximar cada vez mais dos órgãos definidores das regras do jogo, como OCDE e OMC, e se beneficiar da ampliação do G8. Acabamos atingidos por regras estabelecidas quando não estamos presentes para influenciar. Ou seja, é estar dentro dos clubes onde as regras são formuladas, mesmo que não sejam as ideais. De fora, apenas recebemos marcos regulatórios. Temos de trabalhar com todos esses grupos, advogados, lobbies, especialistas, grupos técnicos, porque, sem isso, não ganhamos.

Outra coisa que nos importa muito é continuar com a aliança com o Mercosul. Deus sabe que o Mercosul é inadequado e não é o fim da nossa linha. É a primeira estação do nosso trem. O Brasil não acaba no Mercosul, o Brasil começa no Mercosul. Portanto, temos de jogar um jogo em que o Mercosul nos ajude a ter mais massa crítica e, sobretudo, dar uma legitimidade de falar com os vizinhos, mostrar que na nossa região temos capacidade de influenciar a ponto de falarmos com uma voz unida.

Quero indicar mais três ou quatro problemas. Primeiro, há uma tendência brasileira de suspeitar que todos os controles sanitários, de qualidade, de traçabilidade, de alimentos, de animais, de gado, são resultados de uma conspiração para nos excluir. Seria ingênuo

acreditar que todas as medidas são inocentes e maliciosas. Há uma mistura entre o legítimo e o pretexto. Não podemos evitar que essas regras de sustentabilidade ecológica e social sejam decisivas. O mundo não aceitará mais comportamentos que não se coadunem com o andamento dessa normatividade.

Veja nossa vulnerabilidade com a Amazônia, cujo grande pedaço é do Brasil. Territorial e soberanamente será sempre assim. Mas a região é um condomínio, entre diversos países sul-americanos, com os quais teremos de ter todo o interesse em cooperar. Para impedir que a Amazônia se internacionalize, é preciso promover a sua regionalização. É preciso que através do Tratado de Cooperação Amazônica encontremos uma maneira de mostrar ao mundo, nós, condôminos territoriais, Colômbia, Peru, Venezuela, Guianas, Bolívia, que somos capazes de gerenciar aquilo de uma maneira eficaz e sem atentar a uma sensibilidade mundial, hoje, irresistível.

Na imaginação mundial, a Amazônia é um conjunto que fere sensibilidades vindas da infância; as crianças são educadas de maneira a ter uma preocupação com a Amazônia. Com isso, vem à tona um outro assunto preocupante com a expressão "Amazônia Legal". Eu entendo a necessidade de, em certas áreas, estendemos determinados tratamentos preferenciais, pela natureza das circunstâncias. Mas chamar de Amazônia tudo aquilo é ficar vulnerável. A preocupação mundial é com a floresta e a bacia amazônica. Fica a impressão que destruimos aquela paisagem reconhecida como preferencial, como os igarapés.

Portanto, uma coisa a pensar é se encontraríamos uma outra denominação que fizesse com que a Amazônia, considerando aspectos ecológicos e ambientais, fosse uma coisa claramente definida, e tivéssemos uma margem de operação muito maior na nossa capacidade de atuar.

Retomando, os europeus tiveram, sobretudo os franceses, uma idéia diabólica de levantar um conceito perigoso e interessante, que é o da multifuncionalidade agrícola. Os franceses são tão competentes, que encontram uma maneira de exportar água. Quem vende água engarrafada ao mundo mostra ter certas astúcias nessa área de exportação. Nunca ninguém conseguiu distinguir, claramente, a diferença de uma água francesa e de uma feita em São Lourenço. Mas, de qualquer maneira, mostra a capacidade de vender.

Na Europa que tem preocupação com a administração territorial, com a divisão entre cidade e campo existe a idéia de que a agricultura, além de produzir alimentos, é uma maneira de ordenar o espaço nacional. Isso gera uma série de interesses que não são os que desejaríamos, mas não podemos ignorar.

Multifuncionalidade agrícola é e continuará sendo um dado. A Europa pretende manter uma certa proporção entre o urbano e o rural. Dependem disso, inclusive, os padrões de votação na política européia. Se não houvesse esse conceito de administração territorial, seria hoje uma outra Europa e um outro continente.

Com a derrota da Constituição, desemprego maciço, imigração imensa, em boa parte da Europa o imigrante não tira emprego do europeu, ele faz apenas o serviço que o europeu não deseja mais exercer. Essa é a Europa, com uma hipertrofia da assistência social e uma perda da vontade de competir numa sociedade globalizada, o que leva à raiz da sua própria crise, que é como aceitar sociedades maduras e satisfeitas, num mundo em que a competição é a que o Brasil enfrenta. Estamos chegando crescentemente lá. Aí é que o agronegócio brasileiro tem sido o carro-chefe. O Brasil, hoje, é uma potência plena na agricultura. Nas outras todas, somos candidatos aspirantes, em certos momentos quase chegamos lá, mas é só no agronegócio que o Brasil é visto como peso-pesado. E é para agradecer a todos que fazem do Brasil esse peso-pesado, que eu vim aqui lhes dizer essas palavras. Muito obrigado.



ROBERTO RODRIGUES

Ministro da Agricultura, Pecuária e Abastecimento

O Financial Times publicou uma longa matéria mostrando as razões pelas quais o Brasil deve ser o maior produtor mundial de alimentos nos próximos dez anos, corroborando, aliás, uma posição já anunciada pela Organização para a Agricultura e a Alimentação (FAO) há dois anos. Caminhamos para isso. Passo alguns slides sobre a mecanização, a escala de produção e a emergência de lavouras como o algodão, que levam a platéia a um misto de admiração, de medo e exclamação pela beleza da fotografia apenas. São demonstrações claras, ao lado de outras que poderíamos passar em laranjais, canaviais, cafezais, pastos repletos de gado de primeira qualidade, aviários, tantas outras atividades que o Brasil executa hoje com enorme competência.

Tem se transformado, ao mesmo tempo, num elemento de admiração pelo que o Brasil já tem desenvolvido, mas também de resistência. Trabalharei num assunto mais específico ligado a agroenergia, porque faz parte da trilogia da nomenclatura desse evento, Agronegócio. Há, no mundo inteiro, um certo temor do Brasil agrícola. Estive na Cidade do México, junto com lideranças da área privada e técnicos do Ministério da Agricultura, com o objetivo de abrir o mercado mexicano para o leite brasileiro. O México é o maior importador mundial de leite e não importava um quilo de leite do Brasil.

O Ministro da Agricultura do México, durante uma parte da nossa conversa, fez duas citações. Na primeira, disse: “O México agrícola olha para o Brasil agrícola, hoje, como o México futebolístico olha para o Brasil futebolístico há 30 anos”. Quer dizer, colocamos os 11 debaixo da trave para não perder de goleada. O importante desse conceito é que o Brasil agrícola vai ganhar de goleada. Então, precisamos ficar na defensiva. Na segunda frase, disse – parafrazeando Ann M. Veneman, ex-secretária da Agricultura dos Estados Unidos – que quando fica preocupada em relação à concorrência agrícola mundial, pensa na China. Mas quando fica sem dormir, pensa no Brasil.

Tivemos também alguns meses de negociação e, finalmente, conseguimos abrir o mercado japonês para a manga brasileira, depois de 27 anos de lutas para que isso ocorresse. Então, isso nos enche de orgulho, evidentemente, nos dá uma expectativa de que somos efetivamente competitivos e temos uma condição maravilhosa de avançar. A reportagem do Financial Times é fruto de uma visita (organizada por uma instituição brasileira de jornalistas americanos e europeus ao Brasil no mês passado) a vários estados brasileiros: Mato Grosso, São Paulo, Goiás e Paraná. Viram o que fazemos de maneira construtiva e consistente. Recentemente, saiu uma reportagem muito parecida no Le Monde francês.

Há, realmente, uma condição espetacular de competitividade e, na outra mão, uma reação a essa condição, com a colocação de dificuldades para seu avanço e consolidação. Com isso, estabelecemos a missão para o Ministério da Agricultura de “promover o desenvolvimento sustentável do agronegócio, com estímulo à produtividade, à sanidade e qualidade, tendo em vista a competitividade interna e externa, contribuindo para a redução das desigualdades e a inclusão social”.

A definição da missão do Ministério da Agricultura coincide rigorosamente com o temário desse Congresso. Vamos romper o protocolo e, dentro do espírito cooperativista, convidar Ismar Cardona, chefe do setor de comunicação, para contar uma história.



ISMAR CARDONA

Assessor Especial de Comunicação Social do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento

É uma história do Velho Testamento, de José, bisneto de Abraão e filho de Jacó. Eram doze irmãos. José, desde cedo, mostrou capacidade de vidência e era um grande intérprete dos sonhos. Isso, somado ao fato de ser o filho preferido de Jacó, provocou a ira dos irmãos, que decidiram matá-lo. Foi lançado numa cisterna, mas um dos irmãos ficou penalizado e tirou José de lá, decidindo vendê-lo como escravo para um israelita que ia para o Egito, onde José ficou três anos preso. Nessa época, o Faraó teve dois sonhos. No primeiro, sonhou com sete vacas gordas, cruzando o Rio Nilo, em seguida com sete vacas magras que comiam as sete vacas gordas. O resultado eram vacas mais magras e mais feias. No outro, ele sonhou com sete espigas granadas de milho, em seguida vinham sete espigas desgranadas e pequenas, que comiam as granadas. E o resultado era uma espiga de milho ainda mais magra e desgranada.

O Faraó ficou sabendo que José, que estava preso, era um grande intérprete dos sonhos. José, ao contrário dos magos do Egito e os videntes, conseguiu interpretar o sonho: “Esses sonhos querem dizer que o Egito vai ter sete anos de vacas gordas, seguidos de sete anos de vacas magras”. O Faraó ficou impressionado e convidou José para administrar toda a logística de transporte e armazenagem de alimentos, comercialização e do financiamento. Montou-se um esquema de armazéns em cada cidade, o Estado controlava todos os estoques. Os produtores só ficavam com a parte dos grãos para garantir a sua sobrevivência. A crise atingiu também a terra natal de José. Jacó, pai de José, premido pela fome, mandou os filhos para o Egito para comprar proventos ao saber que o Egito era o único país que tinha alimento para vender. Houve uma reconciliação entre os irmãos, e José montou uma série de estratégias para os pais e os irmãos irem para o Egito. É uma história fantástica.

Isso tudo sem esquecer que Jacó, pai de José, deu origem àquele velho e famoso poema “Sete anos de pastor”. Jacó serviu Alabão, pai de Raquel, serrana bela. Mas não servia a ele, servia a ela, que a ela só de prêmio pretendia. O que significa que sete anos de vacas magras e vacas gordas, e o amor por Raquel recebendo Isabel, é uma coisa histórica. Aconteceu a vida inteira e vai continuar acontecendo eternamente essa disputa de Jacó pelas filhas de Alabão e a disputa de José pelo sucesso da agricultura nos seus países.

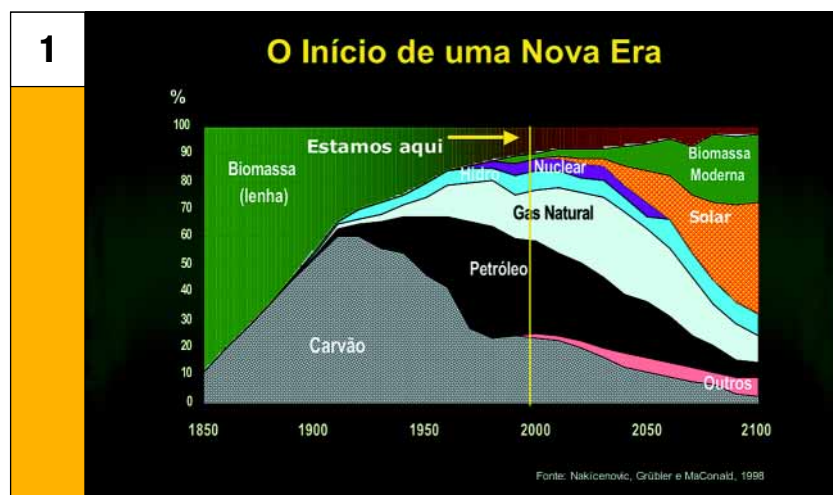
Em função da missão, estabelecemos 10 prioridades para o Ministério da Agricultura:

- 1** controle sanitário
- 2** tecnologia para agronegócio
- 3** agroenergia
- 4** qualidade de produtos e agregação de valor
- 5** negociações internacionais e defesa comercial
- 6** interlocução com a sociedade
- 7** novos instrumentos de política agrícola e seguro rural
- 8** desenvolvimento sustentável
- 9** associativismo e cooperativismo como instrumento de inclusão social; e
- 10** excelência administrativa.

Todos os temas estão inseridos no temário do Congresso da ABAG. Estamos bastante afinados. E é por essa razão que, na minha abertura, falei na confiança que o MAPA tem na Abag e na condição de parceria.

Estamos diante de uma nova era, claramente caracterizada, em que a civilização do petróleo e de produtos fósseis de maneira geral caminha para o seu ocaso. E a biomassa, que foi a grande fonte de energia antes da emergência do petróleo, voltará a se transformar na grande fonte de energia no futuro. A maior insânia coletiva da humanidade foi ficar dependente de um produto fóssil, que vai acabar um dia, se submeter a um produto mal distribuído e manipulado por um pequeno grupo de grandes empresas mundiais.

É surpreendente como isso tem acontecido. Saltaremos para uma outra fórmula de energia, sobre a qual a academia mundial está debruçada. Qual será ela? Quanto tempo demorará? O mundo tem uma civilização automotiva e de transportes que é balizada por combustíveis líquidos. É preciso construir uma ponte entre a civilização do petróleo e a próxima, que pode eventualmente ser a biomassa para sempre.



Um outro dado sobre essa questão é o fato da globalização da economia gerar um crescimento brutal de comércio no mundo, com troca de mercadorias, transporte e, portanto, demanda por combustíveis. Não há dúvida de que os biocombustíveis serão a grande ponte e a alternativa para essa nova civilização, com:

- 1 ganhos ambientais, acerca do carbono, no menor nível de emissão de consumo;
- 2 econômicos, em função da diferença de preço, ligados à renovação do produto;
- 3 sociais, na direção de geração de empregos; e, principalmente,
- 4 renda nos países em desenvolvimento.

O único Prêmio Nobel da Paz recebido para a agricultura foi de Norman Borlaug, nos anos 60, quando fez a Revolução Verde no México e criou a condição de combater a fome em todo o continente centro-americano. A agroenergia talvez seja a possibilidade da agricultura ganhar um Prêmio Nobel da Paz. Embora os biocombustíveis possam ser produzidos em qualquer país, a biomassa é resultado de uma relação entre terra, água e sol. Logo, é aqui, no hemisfério sul, que os países terão a grande chance de avançar, positivamente, no crescimento de emprego, e riqueza e de renda, a partir da agroenergia. Um meio para reduzir isso é a maior chaga da humanidade no século 21:

2



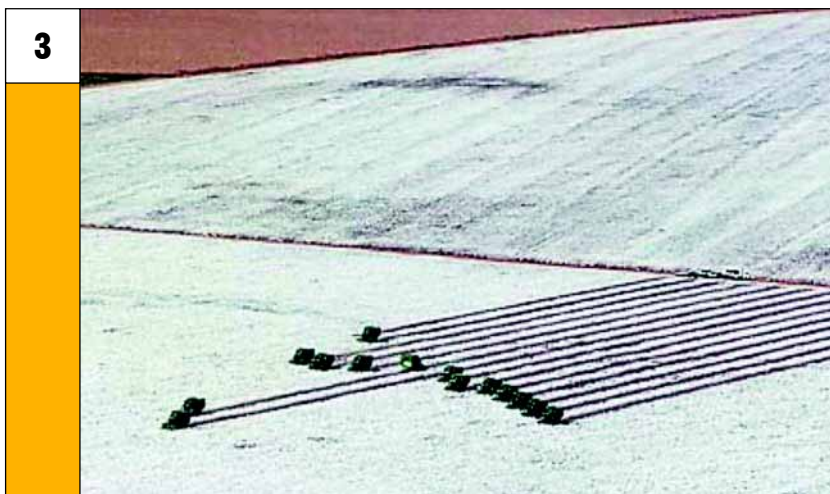
a distância entre ricos e pobres. A disparidade de renda entre ricos e pobres é uma permanente e sistemática ameaça à paz universal.

Temos o exemplo extraordinário do álcool no Brasil. A questão de transformar o álcool numa nova *commodity*, passa por alguns desafios. Em primeiro lugar, por que precisamos que seja uma *commodity*, passando por mecanismos de normas e definição de parâmetros para garantir uma oferta regular ao comércio mundial? Ninguém produzirá competitivamente, como produzimos a partir da cana-de-açúcar. É fundamental a entrada de outros parceiros produzindo esse produto. Ando pelo mundo afora pregando esse tipo de coisa.

Temos resultados muito importantes do etanol no Brasil, com relação à questão ambiental e econômica. Trabalhamos com um novo desafio da construção do programa do biodiesel no Brasil. As primeiras experiências começaram nos anos 70, em conjunto com a discussão do Pró-álcool. A primeira patente de biodiesel no mundo foi feita na Universidade Federal do Ceará, em 1980.

Logo no começo do governo do Presidente Lula, tomei a liberdade de dizer a ele que um programa ligado a agroenergia teria a cara do governo dele. Tínhamos o poder de produzir biodiesel no semi-árido nordestino, na Amazônia, no Brasil inteiro. Pedi que levasse em consideração a agricultura familiar e empresarial num grande projeto de geração de energia renovável. Isso fazia parte do novo paradigma da agricultura mundial: a busca de uma alternativa energética de combustível líquido, melhor do que o petróleo fóssil. Criou-se um Grupo de Trabalho, que terminou lançando no ano passado o programa, envolvendo 14 ministérios e levando a um marco regulatório, que estabelece que, em 2008, misturaremos 2% de biodiesel ao diesel, o que significa uma demanda de 800 milhões de litros por ano. E em 2013, essa mistura irá para 5% mandatoriamente.

Isso representa uma definição clara do governo para que a produção seja comercializada dentro de padrões de preços aceitáveis para os produtores. Todo esse processo tem, por parte do Governo Lula, uma prioridade clara para o semi-árido nordestino, através da mamona, e para a região amazônica, através do óleo de palma. Nós vamos ainda definir alguns critérios para a produção voltada ao alto consumo na região de cooperativas agrícolas, sobretudo no semi-árido da Amazônia, e enfrentamos alguns testes muito importantes em relação à questão tecnológica.



A Embrapa está envolvida nisso. No início do Pró-álcool, há 30 anos, quem pensou em fazer álcool e montou destilaria, sem plantar cana, quebrou a cara. Quem plantou cana primeiro e, depois, fez a destilaria, acertou. Então, pensar em agroenergia sem agricultura é pensar em telhado sem parede.

Estamos criando o Consórcio Nacional de Agroenergia para integrar todos os interessados no assunto em todo o Brasil. Já criamos na Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz (ESALQ), de Piracicaba, no ano passado, um Pólo Nacional de Biocombustíveis. No mês de maio deste ano, pela primeira vez, a indústria automobilística vendeu 51% de carros flex fuel, contra 49% de carros à gasolina ou a álcool. Em 2003, o primeiro ano do flex fuel, vendemos 48 mil unidades. Em 2004, 330 mil. Foi um crescimento exponencial. Neste ano, até maio, já tinham sido vendidos 228 mil veículos. Chegaremos facilmente a 500 mil neste ano. Caminharemos muito rapidamente para um flex fuel que incorpore o gás, como terceira alternativa.

Quais são as perspectivas da bioenergia, da agroenergia e dos biocombustíveis no mundo? Percebemos, numa reunião de altíssimo nível, organizada por uma instituição ligada a OCDE, em Paris, uma resistência em relação ao etanol como produto comoditizável, porque só serve para o Brasil. O argumento embute o temor de que o Brasil inunde o hemisfério norte com o etanol. Tenho um pouco de culpa disso. Nessa reportagem, do Financial Times, disse ao jornalista que não quero vender litros de etanol para o mundo, quero vender rios de etanol para o mundo. Para isso, é preciso comoditizar o etanol. Ano passado, tivemos uma reunião na Tailândia, do Asian Group, formado por 14 países do lado da Ásia. Os países asiáticos, dependentes do petróleo, manifestaram a preocupação com o petróleo. O álcool era a alternativa evidente para isso e o biodiesel entrava nesse circuito de maneira secundária.

Técnicos europeus acham que o biodiesel tem pouca chance de avançar como uma *commodity* ambiental, porque o álcool é muito mais barato e pode ser misturado também ao diesel. De qualquer maneira, os biocombustíveis e a agroenergia se colocam como um horizonte formidável. A exposição do William Westman mostrou que os Estados Unidos pensam nisso, assim como a Ásia toda pensa nisso, e o Japão, que criou com o Presidente Lula uma comissão de alto nível interministerial para definir as ações relativas à agroenergia e a biocombustíveis. Caminhamos para esse tempo importante do novo paradigma mundial em relação a agroenergia e a biocombustíveis.

Há um horizonte do qual não podemos perder as expectativas. O Brasil tem uma experiência fantástica em relação ao etanol, começa a ganhar uma experiência e, inclusive, intercambiando com países como Alemanha, que já tem uma boa visão de biodiesel, e a França. Conversamos com líderes empresariais suecos. A Suécia é um país que não tem mais gasolina, lá é gasool. Os ônibus urbanos de Estocolmo são tocados 100% a etanol. Propomos ao governo da Alemanha, para a Copa do Mundo de 2006, que todos os ônibus que levem as delegações de cada país do mundo para os estádios, sejam movidos a álcool ou a biodiesel. Ergam propagandas para o mundo inteiro olhar a agroenergia nos países em desenvolvimento. Muito obrigado.

COMPOSIÇÃO DA MESA DOS TRABALHOS

Presidente da Mesa:

LUIZ CARLOS CORRÊA CARVALHO
Diretor da Usina Alto Alegre

Palestrante:

ANTÔNIO ERMÍRIO DE MORAES
Presidente do Conselho de Administração do Grupo Votorantim



ANTÔNIO ERMÍRIO DE MORAES
Presidente do Conselho de Administração do Grupo Votorantim

Senhor Presidente da Mesa, Sr. Luiz Carlos Corrêa Carvalho, senhores e senhoras, é para mim motivo de grande honra comparecer a esse auditório para conversar sobre agricultura. A sorte de vocês é que fui para metalurgia. Se fosse jovem de novo, começaria tudo na agricultura.

Realmente, vibro quando falo da agricultura. É a saída para o Brasil. Em primeiro lugar, porque temos muita água, terra e sol. Com isso, nada temos a temer.

O cerrado, por exemplo, é o tipo do lugar com praticamente 90 milhões de hectares à disposição, praticamente virgem, sem a menor dificuldade no setor de água. O cerrado alimenta os rios Tocantins, Amazonas e o São Francisco. Desde o dia que plantamos soja no cerrado, o Brasil começou a caminhar para ser o maior produtor de soja do mundo. No ano passado, colhemos cerca de 50 milhões de toneladas de soja, contra 84 dos Estados Unidos. A previsão inicial era de 63 milhões de toneladas. As previsões são de que o Brasil, nos próximos dois ou três anos, assumirá a liderança na oleaginosa. Acredito sinceramente nisso. Isso é entusiasmo.

Sou engenheiro metalúrgico, vibro quando o Brasil é enaltecido por pessoas que naturalmente querem bem essa nação. É um país com tudo para dar certo. Mesmo no campo da metalurgia, o Brasil, hoje, por exemplo, na indústria do aço, tem uma produção de 32 milhões de toneladas por ano. Se amanhã um governo anunciar um plano de 50 milhões de toneladas de aço por ano, acho perfeitamente viável. Se não temos carvão mineral de boa qualidade, a indústria do aço no Pará ou no Maranhão, com a utilização da estrada de ferro de Carajás, pode importar o carvão e, depois, exportar o aço. Isso permite multiplicar por três a exportação de minério de ferro. Está na cara que o Brasil tem que fazer e vai fazer.

Tenho certeza que o Brasil será respeitado no mundo inteiro. Temos um povo excelente, mas está faltando levar com mais seriedade a educação. Conversava agora com o meu amigo Wilson Quintella, colega de Rio Branco, nos idos de 1930. No nosso tempo, a educação era mais respeitada. Não havia essa anarquia que existe no meio estudantil. Vários amigos professores pensam em deixar de ensinar porque não agüentam mais a indisciplina existente dentro das salas de aula. Isso é um reflexo péssimo, porque significa que na casa dos alunos a coisa não deve andar bem. Ter um setor mais rígido e difícil,

porque hoje praticamente ninguém mais repete de ano. O sujeito sai da escola e não sabe nada. Isso está acontecendo, infelizmente, nas escolas. Não são todas, temos escolas boas.

Em agricultura, o Brasil tem escolas magníficas. Então, vocês estão bem representados nesse aspecto, melhor que o resto do Brasil. Mas, sinceramente, acho que devemos, o mais depressa possível, fazer um programa para a nossa agricultura se expandir, em alta velocidade, porque ela vai nos dar a receita para que possamos amanhã incrementar outras áreas de desenvolvimento do Brasil.

Sinceramente, se fosse jovem, já tinha ido lá para o cerrado verificar quais são as possibilidades de produzir bem e barato. Nós temos o cerrado, a terra em que se dizia: "Não é das melhores, mas não tem importância". Temos muita água. Então, quer dizer, na hora que você remover e adubar a terra, isso vai melhorar. O Brasil não pode, de jeito nenhum, deixar a agricultura num segundo estágio, pois é a locomotiva que puxará o progresso. Tenho certeza absoluta. Sempre pensei dessa maneira e escrevi muitos artigos sobre agricultura.

Exportamos 1,1% do mundo. O PIB brasileiro é 1% do PIB do mundo. Precisamos, naturalmente, sair dos grandes centros e começar a nos movimentar pelo interior desse país, que realmente está esperando por nós. E tenho certeza que isso vai se dar em curto prazo. No começo da nossa produção de soja, em 1969, produzimos 1 milhão de toneladas. No ano passado, foram 66 milhões de toneladas. O Brasil tem o maior potencial hídrico do mundo, junto com a Rússia. A China não tem. Desenvolvemos o potencial hídrico do Brasil, no momento, em volta de 32%. Quando se gera energia hídrica, na área inundada, pode-se criar peixe, realizar uma piscicultura inteligente, usar a água para gerar energia e fazer irrigação. O Brasil irrigava apenas 5% da área agrícola. Os outros países irrigam 45%, 50%, 60%. Vamos deixar de ser pessimistas e reservar todas as nossas forças para o desenvolvimento da agricultura. Antigamente, agricultura no Brasil era café. Hoje, isso acabou. Precisamos do café, mas também da soja. Importamos metade do nosso consumo. Produzimos metade, e metade é importada. Podemos produzir todo o trigo aqui no Brasil.

É uma questão de acreditar e querer ir em frente e também do governo apoiar iniciativas. Acho que devíamos aproveitar esse potencial hídrico enorme, que não polui e gera uma possibilidade de alimentar, logicamente, por meio dos lagos com piscicultura. Aceitei esse convite porque acredito realmente que a agricultura vai responder pelo Brasil durante muitos e muitos anos. Vai jogar o nome do País lá em cima, como a própria siderurgia nos jogou. Temos pouco minério de níquel e zinco, mas abundância em bauxita. É preciso fazer com que a agricultura vença mais esse obstáculo e nos ajude, naturalmente, a transpor essa barreira enorme que é do pouco preparo do nosso povo. Não inventemos outras coisas. Por enquanto, em primeiro lugar, vamos usar o nosso potencial hídrico. Depois pode usar, por exemplo, carvão, através da queima de floresta.

O nosso carvão, infelizmente, está aqui na zona Sul do país, mas é de má qualidade. É um carvão difícil de ser queimado, que dá muita cinza. Não precisamos partir para o carvão direto. É possível usar todo esse potencial hídrico e, depois, devagar, veremos aquilo que podemos fazer em outros setores de energia. É o caso do reciclo de produtos, como na própria cana-de-açúcar: somos o maior produtor de açúcar do mundo. Temos uma reserva enorme de resíduos de açúcar que poderiam ser utilizados. Isso será só uma questão de tempo.

O Brasil é hoje o maior plantador de florestas do mundo. Cerca de 64% das nossas florestas são plantadas com eucalipto, uma árvore que cresce rapidamente, de bom rendimento. O eucalipto que vem da Austrália é fino e raquítico. Aqui, no Brasil, dá uma árvore robusta, excepcional e frondosa. Do ponto de vista energético, o Brasil não tem problema. Temos de pesquisar mais e encontrar tipos de carvão de melhor qualidade. Isso vai acontecer, é questão de tempo. Vamos lançar mão das oportunidades mais fáceis e, nesse aspecto, acho que não se pode pensar em energia nuclear por enquanto. Serve de discórdia para todos nós, vai fazer uma segunda, uma terceira, mas pára nisso. O mundo inteiro só irá para a nuclear quando não tiver outra alternativa. Na energia nuclear, os resíduos são perigosos e, num governo em que as regras não são exatamente simples, é mais fácil desistir de fazer. A energia nuclear tem de ser levada com muita cautela e, ao mesmo tempo, precisa de gente mais prática, para que se implante um programa muito sólido e menos complicado. Se começa a complicar demais, o desânimo é total e se esquece da energia nuclear.

Por enquanto, como temos outros tipos de energia, isso não faz a menor diferença para nós. O Brasil gritará para o mundo normas sobre, naturalmente, o campo energético, como a agricultura. Responderá, através do agribusiness, que somos competentes. Quando vim para cá, tinha uma idéia de falar menos e ficar com mais tempo dedicado às perguntas. Uma palestra muito grande pode cansar e não ser tão útil. Agora, com perguntas, saberão o meu ponto de vista. Fico à disposição para perguntas. Acho mais eficiente e divertido. Façam perguntas e saibam se sei ou não responder. Obrigado.

Presidente da Mesa:

Lulz Carlos Corrêa Carvalho

Diretor da Usina Alto Alegre

O jornal Financial Times afirmou que o interior do Brasil possui fazendas para alimentar o mundo. Que o Brasil está para a agricultura, como a Índia está para a terceirização de serviços e a China para a área industrial. Uma potência, cujo tamanho e eficiência, poucos competidores podem se igualar. Qual é a sua opinião sobre a integração entre agricultura, floresta e energia? No nosso país temos o Ministério da Agricultura, o Ministério da Energia, o Ministério do Meio Ambiente que cuida da floresta e tem outro Ministério que cuida de Agricultura Familiar.

É muito ministério para pouca coisa. Melhor concentrar isso, o mais depressa possível, na mão de uma pessoa responsável. Entendo bem a pergunta, quando se tem um problema sério, tem que se tratar com quatro ministérios. Um ministro pensa de uma maneira e o outro pensa de outra, completamente oposta. Resultado: nada anda.

Qual é a sua opinião sobre a ocupação e o desenvolvimento da Amazônia?

A Amazônia é uma coisa monstruosa, mas que até hoje nós, brasileiros, não demos o valor devido. É preciso ter, em primeiro lugar, um plano diretor, mas para ser executado, porque planos nós temos demais. É um plano que fiz em 1935 e ninguém executa, então isso é ruim. As possibilidades são fantásticas. Precisamos sensibilizar a população, porque, às vezes, a gente fala que a educação é importante, mas não mostramos o porquê.

Se mostrássemos que a educação traz dinheiro e, como consequência, melhor qualidade de vida e condições para todos, seria um bom rumo para poder sensibilizar as autoridades e as pessoas sobre a sua importância?

A educação é fator primordial para o sucesso. No passado, isso não era bem verdade, mas hoje, no mundo automatizado e científico, ou se educa ou se fica eternamente para trás. Lutar contra a incompetência é lutar através da educação.

O esgotamento do ciclo do petróleo é uma oportunidade ou uma ameaça para o Brasil?

Ameaça para o Brasil, não. Praticamente o Brasil hoje é auto-suficiente em petróleo. Lemos nos jornais que o Brasil tem em Santos uma enorme bacia de gás, que dá mais recursos. Temos uma bacia grande de petróleo, de gás e fizemos muito pouco até agora.